

- Ele - Dás-me licença, Clarisse?
- Ela - Pois não, póde entrar, Alberto.
- Ele - Não me esperavas, por certo...
- Ela - Como não? Mamãe me disse que havias telefonado anunciando a visita. Achei um tanto exquisita a ideia de me avisar, temos tanta intimidade...
- Ele - Sim, de fáto na verdade não costumo fazer isto, mas é que tive receio de andar kilometro e meio e por fim não te encontrar e eu tinha necessidade urgente de te falar.
- Ela - Pois então diga o que quer, sou toda curiosidade! Você sabe ... eu sou mulher. (Pausa) Mas vamos ... fale sem medo. **Tem você algum segredo que queira me confiar?** (Pausa) **Porque está você, Alberto, assim tão embaraçado?** Que feio e grave pecado terá você cometido? Vamos ... fale sem temor.
- Ele - O meu pecado, Clarisse, é um pecado de amor.
- Ela - Pois si assim é, meu amigo, não fique preocupado, já houve um padre que disse que pecar por amôr não é pecado! Vamos ... deixe de tolice, e póde falar sem medo que eu juro guardar segredo daquilo que me contar.
- Ele - Sim, Clarisse, eu vou falar... (Pausa)
- Ela - Vamos ... abra-se comigo.
- Ele - O meu pecado ... é gostar da noiva de um meu amigo!... Fiz tudo pra sufocar esta paixão que me queima mas o meu coração teima e eu não posso conter. Eu amo amo loucamente e o coração sofre e pena por esse amôr que o envenena e que não deixa viver. Tenho tentado esquecer mas ... tem sido esforço vão. Não ha quem póssa conter um amôr no coração!
- Ela- E ela?
- Ele- Adóra esse meu amigo e nem suspeita que é a causa do que se passa comigo!
- Ela- É lamentavel, Alberto! É uma infelicidade tudo isto que me diz!
- Ele- E ha' uma luta sem tregua entre o dever de lealdade e a ancia de ser feliz! (Pausa) Mas vamos, fale, Clarisse,

cujo nome esqueço agóra  
neste mundo, de hora a hora,  
por cada dois que sorriem  
sempre ha um terceiro que chóra!

me diga que é uma tolice  
este amôr sem esperança.  
Chame-me louco, creança,  
diga tudo que quizer,  
que deixe em paz a mulher  
que a outro quer pertencer;  
que não lhe torture a alma  
que vive tranquila e calma,  
afagando um sonho lindo.  
Que sufóque o mal infindo  
que este amôr me faz sofrer  
mas fale, por piedade,  
não fique calada assim.  
Acalme esta anciedade  
que eu sinto dentro de mim.  
Diga o que devo fazer.

Ela - Póbre Alberto!... Meu amigo...  
você precisa esquecer.

Ele- Esquecer!... Sim, eu sabia  
que era o que você diria.

Ela- Não ha outra coisa a fazer!  
Procurar o esquecimento  
sem guardar resentimento  
*de* quem seu mal provocou,  
porque o amôr, você sabe,  
não se impõe ao coração  
e ela não é culpada  
dessa paixão exaltada  
que sem querer lhe causou.  
Ponha entre os dois a distancia  
e verá que muito em breve  
essa aflicção, essa ancia  
será menos véemente  
e confie cegamente  
nas palavras do ditado  
que dizem e muito bem:  
o que os nossos olhos não veem  
nosso coração não sente.

Ele- Sim, partirei, é o remedio.  
Irei para muito longe  
e viverei como um ~~monje~~ monge  
em retiro espiritual.  
Será enorme o meu tédio!  
imensa a minha saudade!  
mas é um dever de amizade  
que me impõe este tormento  
e hei de atura-lo, afinal,  
sem um suspiro, um lamento,  
sem qualquer resentimento  
a quem me fez tanto mal.  
Póde ser que Deus, enfim,  
se lembre, um dia, de mim  
e me traga o esquecimento.

Ela- Ha de ~~trazer~~ <sup>trazer</sup>, sim, Alberto,  
Sofrerás muito, por certo,  
mas a vida é mesmo assim.

Ele- Agóra, desiludido,  
tereí de esquecê-la, ausente,  
enquanto que ela, contente,  
nos braços do seu marido  
nem siquer suspeitará  
o tributo que, em verdade,  
o dever de lealdade  
da minh'alma exigirá.  
Mas seréi resignado  
sem me sentir despeitado  
com a felicidade dela;  
lembrando a verdade aquela  
que disse certo poeta